Eles Estão Aqui

O Chamado Oculto

Amós Ferrão

Eles Estão Aqui

O Chamado Oculto

Goiânia – Goiás – Brasil Setembro de 2024

1ª Edição

Título original
Eles Estão Aqui

Todos os direitos da obra
Amós Ferrão
Reservados ao Autor
amosferraoescritor@gmail.com
Arte da capa – Amós Ferrão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferrão, Amós
Eles estão aqui : o chamado oculto / Amós Ferrão. -
- 1. ed. -- Goiânia, GO : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-16464-9

1. Extraterrestres 2. Ficção brasileira 3. Óvnis I. Título.

24-229202 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Graziele Benitez

Bibliotecária - CRB-1/3129

O vazio que os consumia não era falta de direção, mas um chamado que ecoava das profundezas do desconhecido.

1 - O Assalto

Sete horas da manhã, o plano estava prestes a ser executado. O grupo se reuniu na casa de Sarah para o último briefing. Robson olhou para Átila e perguntou:

— Conseguiu as máscaras?

— Sim! — respondeu Átila, tirando as máscaras da mochila e entregando uma a cada membro do grupo.

Sarah viu as máscaras e não se conteve:

— Pelo amor de Deus, que máscaras horríveis! Não tinham nada melhor?

Átila deu uma risada contida:

— Me venderam como sendo de "chupa-cabras". Só espero que funcionem como prometido!

Enquanto os outros pegavam suas máscaras, Robson ficou de lado, observando o grupo. Ele não pegou a máscara,

pois já havia providenciado outro disfarce para se misturar entre os clientes da agência

Sem mais delongas, seguiram para o próximo passo do plano. Assis distribuiu as armas para o grupo, cada um recebendo o equipamento necessário para a missão que estavam prestes a executar. Assim que todos estavam armados, ele entregou as munições e, com um olhar firme, reforçou a seriedade da situação:

— Mantenham a atenção em cada instrução. Não podemos errar em nenhum detalhe. Entenderam?

Os olhares tensos confirmaram a gravidade do momento. A partir daquele instante, não havia mais volta. Era tudo ou nada.

Às onze horas da manhã, o grupo estava em posição. A agência bancária parecia calma, mas a adrenalina corria pelas veias de cada um deles. Sarah estacionou a van em uma vaga próxima ao banco, com o motor ligado, pronta para a fuga. Átila, sempre atento, vigiava as ruas, analisando cada movimento, enquanto uma sirene distante desaparecia no horizonte.

Veterano em missões de infiltração, Robson se movia pela agência com a destreza de um camaleão, sua aparência radicalmente alterada por uma peruca e barba falsas. Cada movimento era preciso, cada olhar atento, demonstrando a

experiência de quem já havia enfrentado situações de alto risco. No carro, Assis, Henrike e Taylor aguardavam com paciência. Assis verificou o relógio, lembrando do horário combinado previamente, em seguida fez um sinal para os outros. O plano estava em andamento, e o tempo parecia se arrastar, cada segundo carregando a tensão do que estava por vir.

Finalmente, o momento certo chegou. Os três saíram do carro, mascarados, e correram até a entrada do banco, prontos para a ação. Dentro, Robson já se movia com rapidez, colocando-se diante do segurança e pronto para neutralizá-lo.

— Com licença... — disse ele, e em um movimento preciso, imobilizou o segurança, jogando-o no chão. Com o joelho em suas costas, puxou seus braços para trás e, com uma rapidez impressionante, amarrou seus punhos com um "enforca-gato". Tomou a arma do segurança e, em menos de um segundo, destrancou a porta lateral.

Assis, Henrike e Taylor entraram na agência. O grito de Assis explodiu no ar:

— TODOS NO CHÃO! AGORA!

O caos tomou conta do ambiente. Clientes e funcionários se deitaram no chão, tremendo de medo. Assis subiu no balcão do caixa, dominando a cena com sua arma em punho:

— NO CHÃO! AGORA! MÃOS NA CABEÇA! VAMOS! VAMOS!

Um cliente hesitou e permaneceu em pé, desafiando a ordem.

— VOCÊ QUER MORRER? NO CHÃO! AGORA! JÁ!

Com os olhos arregalados e vendo que todos já estavam deitados, o cliente lentamente cedeu. Deitou-se de barriga para baixo, as mãos tremendo enquanto as colocava sobre a cabeça. Henrike, sem perder tempo, aproximou-se do gerente com uma voz gélida e ameaçadora:

— Abra o cofre. Agora. Ou você não sai vivo daqui.

O gerente, pálido e em pânico, tentou resistir por alguns segundos, mas o olhar gelado de Henrike, por trás daquela máscara aterradora, o fez ceder. Tremendo tanto que mal conseguia andar, ele foi empurrado com força pelo assaltante em direção à sala onde estava o cofre. Com a arma pressionada contra sua nuca, não teve outra saída a não ser levar Henrike até o cofre.

— Se errar a senha de propósito, será o seu último erro — esbravejou Henrike, impaciente. Gaguejando, o gerente tentou justificar que o cofre tinha um horário programado, mas Henrike já estava preparado para isso:

— Por isso escolhemos este horário. Ou você abre, ou morre!

A pressão era insuportável. O gerente digitou a senha com as mãos trêmulas, e o "clique" do cofre destravando ecoou pelo ambiente. Henrike sorriu friamente e, sem hesitar, deu uma coronhada na cabeça do gerente, jogando-o ao chão.

Em poucos segundos, Henrike vasculhou o cofre com pressa, enchendo a sacola com maços de dinheiro. Seus movimentos eram rápidos e precisos, enquanto a tensão de ser pego a qualquer momento pulsava em suas veias. Com a sacola cheia de dinheiro, ele correu em direção à área de atendimento, onde os reféns ainda estavam deitados, completamente dominados pelo terror. Viu Robson pegar duas granadas de fumaça da mochila, já se preparando para encerrar a operação. Percebendo que o assalto estava quase concluído, Henrike acelerou o passo, enquanto Taylor ainda recolhia os pertences dos clientes, jogando tudo em uma bolsa. Seus olhos monitoravam Robson, que mantinha o controle, enquanto todos esperavam o sinal para a retirada. Até aquele momento, tudo seguia conforme o planejado.

Robson finalmente deu o sinal. Sem pestanejar, ele puxou o pino de duas granadas de fumaça e as jogou bem no meio da agência, onde vários clientes aterrorizados se encolhiam. Em poucos segundos, uma névoa densa tomou conta do banco. Gritos ecoaram, e o pânico atingiu seu ápice.

Do lado de fora, Robson fechou a porta de vidro com uma corrente e cadeado, entrelaçando os puxadores. Ele acenou para os comparsas enquanto corria para a van:

— Vamos! A fumaça vai segurá-los por um tempo!

Sarah, com o motor da van ligado, estava de prontidão. Assis, Henrike e Taylor correram para o veículo, enquanto Átila permanecia de vigia. A urgência na voz de Taylor era clara:

— *LET'S GO*! VAMOS! VAMOS!

Henrike, contudo, manteve sua calma peculiar. Depois de sair do banco, começou a caminhar com passos lentos, quase desafiando o caos ao seu redor. Um sorriso desafiador cruzou seu rosto quando comentou:

— Por que correr? Eles estão presos lá dentro.

Finalmente, todos entraram na van. Sarah, foi a escolhida para levar o grupo até o esconderijo, se posicionou ao volante. Com os olhos fixos no retrovisor, ela aguardou o sinal de Assis. Lá fora, a vida continuava, mas para eles, tudo havia mudado. O relógio estava correndo, e o destino, com todos os seus mistérios, os aguardava na próxima esquina. Assim que o último entrou na van, Assis bateu à porta com força, e Sarah imediatamente arrancou, dirigindo em direção oposta ao bairro Goianinha. O asfalto quente escorria sob os pneus, levando-os para o esconderijo.

Mais uma etapa do plano havia sido concluída, mas a jornada ainda estava longe do fim. A adrenalina da fuga pulsava em suas veias, impulsionando-os a seguir em frente.

— Que trajeto é este? — perguntou Robson, com a voz carregada de tensão.

Sarah, muito atenta ao trânsito, respondeu:

— Fica frio, que eu sei o que estou fazendo. Vou pegar um caminho bem arretado pra desviar do máximo de câmeras que tem nas ruas e nos comércios.

Nesse momento, Taylor exclamou, com o pânico evidente em sua voz:

— Pelo amor de Deus, Sarah, o que você escreveu no furgão?

— Plotei a van com um nome comum de igreja para não levantar suspeitas — respondeu Sarah, tentando disfarçar o próprio nervosismo.

— Mas, Assembleia de Deus? — retrucou Taylor, incrédulo.

— Oxente, sim! Assembleia de Deus tem em todo canto, e ninguém vai desconfiar de um carro da igreja parado perto do banco.

No cruzamento seguinte, Sarah virou à esquerda na rua Dr. Djalma Jaime, foi até o fim da rua e virou à esquerda novamente, pegando a rua Dr. José Bueno de Lima. Eles cruzaram a Avenida Humberto Mendonça e seguiram até o

final da rua, que dá no estádio municipal. Lá, viraram à direita e subiram pela Avenida Santa Bárbara até um galpão em frente a uma cerâmica de tijolos. Antes que o carro parasse, Assis já estava fora da van, correndo para abrir o portão. Sarah entrou com a van, e Assis imediatamente o fechou. Todos sentiram certo alívio, mas o coração ainda batia acelerado.

Eles trocaram de roupa com pressa, com as mãos trêmulas, pegaram as mochilas com as joias e o dinheiro e guardaram as máscaras dentro. Com um pouco mais de calma, foram até o fundo do galpão e levantaram uma lona preta que escondia as motos que haviam deixado ali na noite anterior. Assis e Sarah subiram juntos em uma moto, enquanto Robson, Taylor, Henrike, e Átila subiam nas outras. Átila, no entanto, ficou um pouco para trás, pois sua moto estava com dificuldade para pegar.

Acelerando em direção ao leste, atravessando o bairro Goianinha, Assis, sentado atrás de Sarah, não pôde deixar de sussurrar no ouvido dela:

— Você é impressionante, Sarah. Com você, a gente não perde.

Sarah, sentindo o calor das palavras dele, sorriu de lado, mas manteve o foco:

— **Agora** não é hora para distrações, Assis... mas não vou negar que gosto de como você segura firme aqui.

A conexão entre os dois era evidente, mesmo em meio à fuga. O som das motos ressoava alto na avenida, mas o silêncio entre as frases curtas de Assis e Sarah dizia muito mais.

A estrada de asfalto logo deu lugar a uma trilha de terra batida, onde a poeira se levantava em nuvens espessas sob o sol escaldante. Passaram pelo Recanto Sussuapara após percorrer cinco quilômetros. Na próxima bifurcação, viraram à esquerda, passando pela AD Monjolinho, e seguiram em frente. Percorreram mais de onze quilômetros até a ponte do Rio dos Bois. Na segunda entrada, eles viraram à direita e percorreram mais dois quilômetros até parar em frente a um mata-burro. À esquerda, havia uma pequena entrada que dava acesso à Serra da Jiboia.

— Quase lá — murmurou Sarah, tentando tranquilizar a si mesma e a Assis.

— Não vamos ser pegos, não com você no comando — Assis respondeu, apertando um pouco mais a cintura dela.

Eles passaram por esta pequena entrada e seguiram por mais um quilômetro e meio até chegar ao pé da serra. Robson, guiando o grupo, desceu da moto e começou a

empurrá-la por uma trilha antiga, quase invisível sob a vegetação densa. Os outros amigos o seguiram até um paredão coberto de plantas. Atrás da folhagem, Taylor revelou algumas tábuas que estavam tampando uma entrada. Átila, que tinha levado uma mochila com ferramentas, pegou algumas e distribuiu para o grupo.

— Vamos desbloquear essa entrada, pessoal — disse Átila, enquanto entregava as ferramentas aos amigos.

Todos começaram a trabalhar juntos, removendo as tábuas que tampavam a entrada da caverna. As ferramentas ecoavam pela serra enquanto cada tábua era retirada, revelando lentamente a entrada selada por tantos anos.

Assim que removeram as últimas tábuas, a abertura finalmente ficou livre. Todos se entreolharam, um misto de apreensão e curiosidade estampado em seus rostos.

— É isso aí — disse Robson, respirando fundo. — Vamos entrar.

E um por um, eles atravessaram a entrada da caverna.

— Uau! Aqui ninguém vai nos achar. Como você sabe deste lugar? — perguntou Assis, admirado.

Taylor olhou para Assis e respondeu:

— Eu fiquei meses procurando esse lugar. Pesquisei sobre os antigos colonos que vieram por essas bandas em busca de ouro. Descobri que eles tinham um garimpo aqui na Serra da Jiboia. Ninguém na região sabe que este lugar

existe. Há uma lenda de que, certo dia, todos os garimpeiros desapareceram, e os que ficaram de fora da mina lacraram a entrada e nunca mais voltaram.

— Lenda? — perguntou Henrike, que estava logo atrás deles, com um tom de ceticismo.

— Sim, lenda — interveio Taylor, com sua voz grave ecoando pela caverna.

— Que papo é esse? Você está querendo nos assustar? — Átila brincou, mas havia um leve tremor em sua voz.

— Só estou dizendo o que ouvi — Taylor respondeu, sério. — Agora, vamos focar. Temos um trabalho a fazer.

Sarah, sem tirar os olhos de Assis, continuou:

— Assis, você tem certeza de que não vai acontecer com a gente o mesmo que aconteceu com aqueles garimpeiros? Assis, respondendo com um certo carinho na voz:

— Comigo, você está segura.

O que fez Sarah soltar uma risadinha.

— Vocês dois aí, menos conversa e mais foco! — Robson interrompeu, percebendo o clima entre eles. — Não estamos aqui para um encontro, estamos aqui para garantir que nossa fuga seja perfeita.

Os amigos continuaram, mais silenciosos agora, sentindo o peso das palavras de Robson e a pressão do que

estavam prestes a fazer. A caverna se aprofundava cada vez mais, e a escuridão ao redor parecia se fechar sobre eles.

Depois de caminhar por mais alguns minutos, chegaram a uma bifurcação na mina. Robson, que estava à frente, parou e ficou olhando para os dois caminhos possíveis. O silêncio era esmagador, exceto pelo gotejar ocasional de água das pedras acima.

— Vamos pela esquerda — decidiu Robson, quebrando o silêncio.

Conforme avançavam, o ar ficava mais frio e as sombras mais espessas. A lenda dos garimpeiros desaparecidos rondava os pensamentos de todos, alimentando um medo silencioso que ninguém ousava expressar em voz alta.

Eles seguiram até a última galeria onde era possível ir com as motos. Deixaram-nas lá e pegaram todas as ferramentas. Átila, que havia providenciado um "kit escoteiro", estava preparado para o que viesse. Acenderam suas lanternas e entraram em uma galeria menor, andando cerca de dez metros curvados até chegar a uma sala onde podiam ficar de pé.

Sarah passou a mão pela parede fria da caverna, sentiu o coração bater descompassado. Uma sensação de déjà vu a atingiu, como se já tivesse estado ali antes, mas não

conseguia lembrar quando ou como. — Por que tenho a impressão de que isso vai acabar mal.

— É como se este lugar estivesse esperando por nós... é assustador pensar nisso.